

PROVOCAÇÕES SOBRE O PERFIL DO DOUTOR EM CRÍTICA CULTURAL

Marcelise Lima de Assis¹

Resumo: Este ensaio é inspirado na bibliografia do edital de seleção da primeira turma de Doutorado do curso em Crítica Cultural, situado na grande área de Linguística, letras e artes. Traçamos um diálogo entre os textos, bem como acrescentamos o objeto de estudo para o desenvolvimento da tese, a qual objetiva compreender a história de três mulheres que atuaram contra as imposições objetivas da ditadura militar na Bahia nos anos 1970 e 1980. Apresentamos o campo da Crítica Cultural, a qual parte do princípio de que sua crítica precisa questionar as bases estruturais do capitalismo contemporâneo para que possamos repensar nosso modelo de pesquisa científica em um tempo tão paradoxal.

Palavras-Chave: Mulher. Arte. Interdição. Pesquisa. Crítica Cultural.

No livro *Magia e técnica, arte e política* (1985), o crítico alemão Walter Benjamin discorre sobre o conceito de história e, em sua tese VII, escreve que a tarefa do historiador é a de “evocar a história a contrapelo” (1985, p. 225), de modo que a interpretação aconteça para romper com as barreiras estritamente cronológicas, historicistas e deterministas, munida de um esforço para chegar ao encontro misterioso com processos de silenciamento/esquecimento. A compreensão benjaminiana acerca do passado histórico nos auxilia a melhor direcionar nosso olhar para a década de 1970 e 1980, tempos em que o Brasil ainda respirava ares do regime militar. Acreditamos que os acontecimentos de cada tempo são construídos pelas aspirações específicas do momento, do mesmo modo que cada sujeito é constituído/inventado historicamente. Entretanto, não podemos deixar de pensar que a questão benjaminiana nos alerta e nos mostra que no seio da Crítica Cultural também é possível elaborarmos uma

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural | Departamento de Linguística, Literatura e Artes – Campus II – Alagoinhas/BA – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Resumo apresentado ao Componente *Seminários Avançados sobre o perfil do Doutor em Crítica Cultural*, ligado à linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Paulo César García. Endereço eletrônico: lissletras@gmail.com.

“história a contrapelo”, o que nos leva a investir, através de uma análise historiográfica, na abertura de outras cenas culturais, por vezes, divergentes daquelas já constituídas, em que novos personagens e outras práticas são possíveis.

Nos anos 1970, em Salvador, surgiu um movimento heterogêneo de caráter artístico, político e social constituído por operários, artistas, intelectuais, professores, passantes das ruas, estudantes, políticos etc., denominado Poetas na Praça que enfrentaram muita repressão moral e policial em lugares públicos; ruas, bares, bibliotecas da cidade etc. Com uma intensidade inusual do espaço urbano, que, ao final do dia, estrategicamente no horário da ave Maria, às 18:00h, ocupavam a Praça da Piedade, em Salvador, para trocarem experiências de leituras, livros, organizarem recitais etc. Nesses encontros, os integrantes compartilhavam livros, leituras, interpretações, recitavam seus poemas e poemas de outros autores consagrados na literatura universal, pelo deleite de compartilhar a arte e o exercitar o senso crítico do cotidiano soteropolitano, unidos pelo sentimento de pertencimento humano e maldito da literatura. Nota-se, desse modo, uma política da amizade que se fortalecia para resistir às formas de autoritarismos, amizade que foi possibilitada pela identificação existencial e pelas buscas similares no que tange à transformação social do país naquela época. A imagem que se tem é a de um corpo estranho que aparece no centro da cidade de modo fantasmagórico e instaura uma desordem ao ser um problema para a polícia que precisava manter o caráter ordinário das rotinas cidadinas. Nota-se que à época e ainda hoje, o movimento foi pouco assimilado pela cultura capitalista e demais instituições culturais.

O francês Didi Huberman (2011), a partir de estudo sobre a trajetória de Pier Paolo Pasolini e seu estudo sobre o crescimento do fascismo na Itália, reflete sobre o “vazio do poder” observados na sociedade contemporânea. Um poder que, para ele, era “superexposto do vazio e da indiferença transformados em mercadoria” (2008, p. 31). Para Huberman, Pasolini desejava mostrar o poder específico das culturas populares, pois reconhecia nelas a verdadeira capacidade de resistência.

Contudo, “a indústria cultural apossou-se dos corpos, do sexo, e os injetou no circuito do consumo” (2008, p. 40). É certo que os vagalumes sobrevivem, expressão que usou para referir-se aos poetas e artistas da época, não sobrevive, quem sabe, nas sociedades, a capacidade de vê-los, não existe, quem sabe, a simples inclinação para olhar o escuro, motivo que fez, talvez, o movimento poetas na praça e as escritoras em questão continuassem quase “fora” da história oficial da literatura baiana.

Lemos a atuação dos Poetas na Praça não como uma espécie de válvula de escape para fugir do sistema de imposição objetiva da ditadura militar e cristã, mas como enfrentamento que se dava por meio de distribuição de livros e revistas literárias como mecanismo para politizar o cotidiano por meio também do acesso à leitura. Entre os lidos, textos de Arthur Rimbaud, Baudelaire, Geração Beat, Allen Ginsberg, Jack Kerouac etc., Ana Cristina Cesar, Castro Alves, Gregório de Matos.

Por meio do livro *Movimento Poetas na Praça: entre a transgressão e a tradição*, organizado por Douglas de Almeida, tivemos acesso a alguns textos, relatos, jornais da época e pude notar que o número de mulheres que fazia parte do movimento era limitado, aguçando minha curiosidade para entender como elas entraram e permaneceram no movimento em um tempo de repressão. Entre as mulheres que transitaram e atuaram na Praça da Piedade, selecionei três para serem ‘objetos’ de investigação de minha tese de doutorado, a saber: Ametista Nunes, nascida em 19 de março, de 1947, à época, já advogada, formada pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, trabalha com movimentos sociais na cidade de Salvador, é professora universitária, escreve, publica em antologias, além de organizar eventos artísticos e sociais a exemplo do Fórum Mundial Social de 2018, em Salvador/Ba². Foi uma das mulheres transgressoras do Movimento Poetas na Praça, causando problemas com sua pichação “O operário é um poema censurado” nos muros da cidade. Nesse sentido, pela razão de acreditarmos na força dos Poetas na Praça, assim como Didi Huberman acreditou na sobrevivência dos artistas quando Pasolini não

² Ver <https://wsf2018.org/todas-atividades/>.

mais acreditava, justificamos aqui o compromisso de marcar o lugar das mulheres e desse movimento em meio à história da literatura baiana.

Ametista Nunes, 1980



Fone: livro Movimento Poetas na Praça: entre a transgressão e a tradição.

Ao ser indagada em entrevista, Ametista explica como passou a ser integrante do movimento

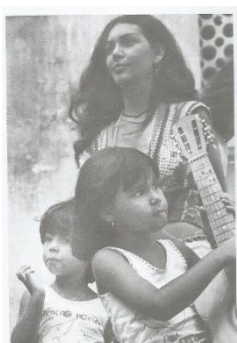
Não fui convidada por ser mulher, mas, por ser militante política e das artes e aceitei apenas como poeta contra a repressão, contra as proibições, contra a ditadura e pela rebeldia própria de mim, onde a identificação com os companheiros contra qualquer estabelecido foi o que nos uniu (NUNES, 2017).

As outras duas mulheres são Margareth Castanheiro, que passou a integrar o movimento em 1982, e Semírames Sé, professora de literatura e estudante de letras à época pela UFBA. Essas três mulheres romperam com o ambiente privado e uniram-se aos seus amigos e amigas para enfrentarem juntos as barbáries instauradas nos espaços urbanos e na rotina das pessoas.

Margareth Castanheiro



Semírames Sé



Com esta pesquisa, buscaremos entender como Ametista Nunes, Margareth Castanheiro e Semírames Sé adentraram no movimento e como elas permaneceram, o que as incitou a transitar entre o ambiente público, da rua e privado, do lar, deslocando o sentido do “devido lugar da mulher” na sociedade brasileira. A Praça da Piedade, centro do trabalho, tornou-se, com a atuação dos grupos, uma ocupação e lugar de reivindicações por um país democrático, bem como vislumbrava qualidade de vida para todos os trabalhadores. Ainda em livro organizado por Douglas de Almeida, podemos encontrar um relato do jornalista Flavio Sarlo, intitulado *musas desbocadas*, no qual demonstra o incômodo por ainda não ter sido pontuada a importância das mulheres no movimento e ressalta o valor dessas, citando Ametista Nunes entre elas, também Semíramis Sé e Margareth Castanheiro.

Em entrevista³ concedida para a pesquisa que realizei durante o mestrado, Semírames Sé recitou um texto, o qual expressa uma indignação e insatisfação no que tange a situação política do país:

Desejo pátrio
gostaria de poder escrever a história do Brasil
nos papéis higiênicos,
mas, os cus não dão trégua
(SÉ, 2017).

³ Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

No que se refere à forma despuddorada de expressão e comportamento, elas incitaram debates sobre o ser ou não palavrão, o que é palavrão etc., além de assumirem a intenção que havia de estarem ali:

claro que tinha uma intenção, a gente queria combater esse sistema ditatorial, a gente veio de uma ditadura, vários colegas meus, dos poetas na praça foram presos, por estarem recitando Gregório de Matos, diziam que estamos recitando pornografia, é.. Teresa Jardim mesmo tinha um poema que está em meu repertório... Dizia: (SÉ, 2017)

De pernas abertas
pra o céu anil,
esperando a pica dura,
veio a ditadura!
nome feio é fome,
palavrão, é pau brasil sil sil sil...⁴

Diante de um estado ditatorial, comportamentos que aspiram infringir a ordem do dia eram interditados ou castigados sob a justificativa de serem violentos, quando, na verdade, eram respostas incitadas pelos mecanismos de interdição da liberdade de expressão. Ainda assim, essas mulheres e seus colegas não se calaram, muito pelo contrário, num ato despuddorado, radicalizaram e debocharam das expressões moralistas da sociedade conservadora:

Ai o sistema achava que a gente tava falando pornografia. Ai entrava a questão, estava falando de pornografia? Tá falando de putaria ou tá falando desse sistema? Então assim, a gente foi meio espontâneo, meio não, foi um movimento espontâneo, mas que foi tendo outras características, né, a gente via que incentivava o menino do cafezinho a fazer poema (SÉ, 2017).

⁴ Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora.

Ao aspirar uma nova era, como expressou Margareth Castanheiro, podemos ler que o tempo conflituoso não apagou o desejo por dias melhores, com liberdade e dignidade para todos, pautas urgentes em quase todos os textos delas e dos colegas:

O meu verso é um ventre de fêmea
gestando os filhos da nova era
(CASTANHEIRO, 2016, p. 81).

Nota-se, nessas mulheres, uma postura liberada dos constrangimentos da sociedade machista, o que torna-as capazes de fazer o próprio caminho, além de encabeçarem a busca coletiva e anticapitalista que possibilite a existência de um debate sobre o cuidado, tendo em vista que existem mulheres em situação de vulnerabilidade, em condições de pobreza, que são radicalmente anuladas de toda possibilidade de expressarem seus dissabores em jornadas de trabalho exaustivas fora e dentro do ambiente familiar. Ao que já podemos constatar nos textos das escritoras aqui em estudo, havia um compromisso com o enfrentamento das causas estruturais de manutenção das desigualdades em sentido amplo, marcando a tensão entre exploradores e explorados.

Diante do que já foi discutido aqui, se faz importante debater, como propõem os *Seminários Avançados sobre o perfil do Doutor em Crítica Cultural*, sobre o perfil do Doutor em Crítica Cultural, na área de letras. Desse modo, faz-se preciso entender que a Crítica Cultural busca, por meio da problematização do campo de Letras, dialogar com outras áreas do conhecimento em termos mais práticos, um exemplo claro é o fato de o curso de Mestrado em Crítica Cultural do Campus II da UNEB — Alagoinhas/BA oferecer a possibilidade de pesquisa para estudantes de outras áreas do conhecimento. Primeiro problematiza-se os estudos disciplinares da linguística e da literatura operando separadamente nos cursos de letras, o que, para Osmar Moreira, manter essa separação significa conservar a lógica do sistema científico neoliberal (SANTOS, s/d), desvinculada de uma avaliação da classe social e descompromissada com a redistribuição das riquezas produzidas pela classe trabalhadora, ou

melhor, a área acabaria sendo munição para alimentar o capitalismo e suas transformações. Dito isso, nota-se que, em suma, a pesquisa em Crítica Cultural busca desvelar sentidos de conceitos que foram históricos e socialmente construídos sob o signo da hegemonia social e seu *modus operandi* de produzir segregação, discriminação social, racial e de gênero como tática para manter a pobreza e a subvida da classe trabalhadora. Conforme Osmar Moreira (s/d), no campo das letras, a Crítica Cultural não é nem crítica literária, nem linguística, mas um trabalho científico que tem como núcleo de estudo a descoberta do signo linguístico no final do século XIX. Busca-se, desse modo, estabelecer diálogos com outras ramificações além da grande área em que se constituem as Ciências Humanas, com vistas a infringir a razão ocidental e seus códigos culturais que regularizam, controlam os discursos e arquetam o mundo da representação. Isto significa dizer que o caminho investigativo do Crítico Cultural pauta-se em extrair seus objetos de estudo das ruínas (SANTOS, s/d) e fazer sua língua causar uma fissura em tudo que se quer hegemônico e representado. Ao extrair seus objetos desses “desperdícios” que restaram dos processos de barbáries, o doutorando em Crítica Cultural vai, em um gesto imaginativo e criativo da língua, trabalhar com diversas linguagens para desestabilizar os processos hegemônicos, e aqui se justifica muitas pesquisas produzidas no programa de mestrado, as quais envolvem sujeitos sociais em pesquisas que dialogam com a sociologia, antropologia e história etc.

Se o signo da hegemonia social, por meio da disciplina dos corpos, produz segregação e discriminação e o exercício do Crítico Cultural pauta-se em mobilizar uma contra-hegemonia por meio da escolha de seus objetos e problemas de pesquisa, significa também dizer que fazer Crítica Cultural é investir contra a lógica do capitalismo contemporâneo, para fazer falar uma língua que, enfraquecida pelos processos de barbárie gestados pela cultura da elite dominante, acabam por ser parte dessa manutenção.

Daí a importância, para a formação do Crítico Cultural, de textos como o capítulo *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de*

antropologia, no livro *O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem*, de Eduardo Viveiros de Castro, para que se possa pensar como se deu todo o processo de poder durante o período da colonização no Brasil. O texto aborda a forma de comunicação entre a Companhia de Jesus e os índios, se avaliarmos bem, vemos que esse texto apresenta um manual de como matar uma cultura ou um povo por meio de sua língua, ao mostrar a guerra que os jesuítas travaram contra o comportamento dos índios, contra sua cultura e relação com a terra. Outro texto que compõe o edital de seleção e que também exercita nosso olhar nessa “pedagogia do ver” é *Necropolítica*, no qual Achille Mbembe discute sobre a legitimação que o Estado tem para matar tantas negras e negros nas periferias dos grandes centros urbanos, fazendo imperar, por meio de uma máquina institucional, um genocídio dessa população. Aqui se apresenta outra forma de matar uma cultura e uma língua, diferente da apresentada por Eduardo Viveiros de Castro, que tem o viés religioso, em *Necropolítica*, Mbembe acrescenta o Estado autoritário também como responsável por destruir culturas, por regulamentar uma política da morte: quem pode viver e quem pode morrer.

Considero produtivo, para o pensamento Crítico Cultural, o texto *Sociedade do Cansaço*, de Byung-Chul Han, que nos traz o debate contemporâneo que permeia o que ele define como sociedade do desempenho ou sujeito do desempenho. Para ele:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shoppings centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais disciplinar, mas uma sociedade de desempenho (HAN, 2015, s/p).

Ou melhor, se antes da proibição, o mandamento e a lei eram as bases do poder, hoje entra em cena o projeto, a iniciativa e a motivação. Para Byung, “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo *não*. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao

contrário, produz depressivos e fracassados” [...] “O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência”. Desse modo, o sujeito do desempenho responde aos desejos do capitalismo contemporâneo, suas exigências e excessos de servidão a um padrão de vida que responde apenas aos fetiches produzidos pela ilusão da terra prometida pelo deus dinheiro. Aqui um problema se apresenta: as pessoas estão morrendo, suas culturas correm riscos de apagamento — e todo esse processo é legitimado pelo Estado, conforme argumenta Achille Mbembe; por outro lado, conforme Byung, as pessoas estão adoecendo ao notarem-se sem sucesso frente às exigências do sujeito do desempenho, aquele que responde fielmente às exigências do capitalismo. E o que um curso de Letras, situado no interior do Estado da Bahia pode fazer por meio de sua instituição que é a Universidade e o trabalho científico com a língua e a literatura? O que faz a pesquisa científica quando os temas da morte, da doença e da fome viram o debate mais urgente. Ora, se pensarmos que a Crítica Cultural é uma força contra as formas extremas de usurpação do capitalismo contemporâneo, se ela é um meio pelo qual os pesquisadores investigam signos vivos ou sobreviventes, o caminho pode ser pautado na busca dessas culturas que estão em perigo. É dos restos culturais e históricos que o Crítico Cultural precisa para fazer uma história a contrapelo, para fazer falar uma língua que resiste a todas as tentativas de apagamento e, por outro lado, fragilizar o modelo burguês de fazer ciência. Para Osmar Santos, em seu capítulo 3 — *Literatura e crítica cultural: uma máquina de guerra contra o pensamento arborescente*, no artigo *Platô de Crítica Cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor*:

[...] nosso objeto língua e literatura não nos pertence como condição de uma ideia libertária e com expressão efetivamente política. A menos que, a exemplo dos círculos de cultura postos em movimento por Paulo Freire, façamos a maquinaria linguística-literária funcionar em todos os rincões da sociedade brasileira, como condição para que os falantes de língua portuguesa, de fato e de direito, tornem-se sujeitos de sua história, contribuindo, assim para a reinvenção do Brasil como uma sociedade sem desigualdade

social, econômica, cultural e política, com cidadania cultural plena (SANTOS, s/d).

Para ele, só assim a luta de classe encontraria seu sentido, em que os pobres teriam, além do entendimento de si enquanto sujeito político e social, apropriariam-se dos mecanismos estratégicos para reparar linguisticamente, cultural e territorialmente sua história e o sentido dela no mundo (SANTOS, s/d). Nesse sentido, entendemos que a pesquisa em Crítica Cultural, no âmbito do doutorado, precisa rastrear os traços que compõem as histórias de um determinado povo ou grupo social, de modo a identificar sua língua, força incontornável que fará reverberar culturas em estado de apagamento, bem como desvelar suas contradições que, involuntariamente, sustentam o capitalismo. Este trabalho de pesquisa pode se dar em um texto literário, em uma narrativa oral, em documentos primários etc. Desse modo, tem-se uma abertura para o campo do profissional de letras que problematiza aquilo que Fiorin, citado por Santos diz

[...] se o ponto de vista do neoliberalismo econômico que assola o mundo contemporâneo, o historiador, o professor de literatura, o filósofo, não são “essenciais”, a menos que produzam discursos de autoajuda para os farrapos humanos destruídos por esse sistema; se, também, o professor de língua cumpre apenas o que o sistema impõe, ou seja, prescrever a norma culta para que os falantes falem o que o sistema quer, e nunca pesquise, porque a teoria da diversidade e afirmação linguística é uma falácia (FIORIN apud SANTOS, s/d).

E propõe que, se assim o é, a tarefa de um pesquisador em Crítica Cultural, programa situado no Nordeste, é o de fragilizar tais afirmativas para promover cidadania cultural, vasculhar os arquivos de memória; os museus, as bibliotecas, os projetos culturais das periferias, dos centros urbanos, as produções da cultura nos interiores dos estados deste país, os monumentos históricos não para preservá-los, mas para problematizar sua constituição na história de um povo. E aqui o financiamento da pesquisa em letras torna-se um debate urgente, tendo em vista que o

trabalho investigativo destes produzem bens simbólicos e materiais que dão sustento à história e à cultura de um povo e sua língua.

Fabio Akcelrud Durão, em texto, resultado de uma palestra conferida em 2018 no Seminário de abertura do 66º GEL, trata de algumas teses sobre o financiamento da pesquisa em letras. O pesquisador da área de letras questiona a dificuldade que as ciências humanas enfrentam frente às interpretações sobre sua cientificidade, o debate alcança os cursos de Letras e o autor questiona, em suas teses, o esforço que os cursos de letras precisam fazer para se adequarem aos editais de fomento de pesquisa, quando, na verdade, eles deveriam atender às especificidades de cada área separadamente. Uma pesquisa no campo das ciências naturais carece de objetos específicos para a sua realização, laboratórios etc. Em letras, para o autor, não fica muito claro qual é o laboratório e acrescenta, quase ao final do texto, que os pesquisadores precisam lembrar que “o lugar central da pesquisa em nossa área é a biblioteca”. O pesquisador em Letras trabalha com texto escrito, quando as pesquisas abordam a oralidade, estas precisam passar por transcrição. Nesse sentido, para além do que se convencionou chamar de profissional de letras, aquele que, por um lado é “o professor que ensina gramática normativa, na linguística, e estilos de épocas, na literatura”:

Na linguística, espera-se que a língua seja abordada pela perspectiva do correto, do certo e do errado, da literatura deseje-se que ela torne as pessoas melhores. Como reagiriam as pessoas se soubessem que a linguística toma a língua como um dado, e que a fala do Presidente não tem primazia epistemológica ou ontológica sobre a da favela ou da prostituta? Como reagiriam se soubessem que a literatura não possui comprometimento algum com o universo moral? (DURÃO, 2019, p. 16).

Nos dois casos apresentados, o que está em jogo, segundo Durão, “é a defesa daquilo que não possui utilidade imediata, que aparentemente não serve para nada”. Ou, como ele pontuou, não serve para a ciência defendida pelo “mediador neoliberal”, aquele que defende que as ciências humanas não são importantes, que o país precisa investir

em áreas que trazem retorno imediato e com isso justificam ideias como as apresentadas abaixo (DURÃO, 2019):

The screenshot shows the website of the Senado Federal (Brazilian Senate). At the top, there is a navigation bar with 'SENADO FEDERAL', 'Fale com o Senado', and 'Portais'. Below this is the 'Cidadania' logo and a search bar. The main navigation menu includes 'Início', 'Ideia Legislativa', 'Evento Interativo', 'Consulta Pública', and 'Entrar'. A secondary menu has 'Sobre', 'Fale Conosco', 'English', 'Español', 'Validação de declaração', 'Relatórios', 'Termos de Uso', and 'Perguntas Frequentes'. The main content area features a blue header for 'IDEIA LEGISLATIVA' and a sub-header 'COMO FUNCIONA'. The title of the proposal is 'Extinção dos cursos de humanas nas universidades públicas'. The description states: 'São cursos baratos que facilmente poderão ser realizados em universidades privadas, a medida consiste em focar em cursos de linha (medicina, direito, engenharia e outros). Os cursos de humanas poderão ser realizados presencialmente e à distância em qualquer outra instituição paga.' There is a 'Mais detalhes' link and a progress bar showing '7.385 apoios' out of a goal of '20.000'. On the right, there is a 'Compartilhe' section with social media icons for Facebook, Google+, and Twitter. Below this, it says 'Data limite para receber 20.000 apoios 07/06/2018' and 'Ideia proposta por THIAGO TURETTI - SP'.

Fonte: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=100201>.

Nesse sentido, ao contrário do que julga o “mediador neoliberal”, enfatizamos a importância da pesquisa na área de ciências humanas, bem como defendemos sua manutenção. Justificamos a importância da pesquisa sobre a relação entre as três mulheres apresentadas e o período histórico de repressão nos anos 1970 e 1980 e nos empenhamos para registrar uma “história a contrapelo” que desvele as formas de violências causadas pelo regime militar. Para isso, nosso lugar enquanto pesquisadores será o entrelugar do pensamento de guerrilha sempre mobilizando, deslocando, investigando e absorvendo para interpretar as contradições culturais, sociais, históricas, filosóficas e linguísticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Douglas de (Org.). *Movimento poetas na praça: entre a transgressão e a tradição*. Salvador: Câmara Municipal, 2015.

DURÃO, Fábio Akcelrud. Ideias sobre a questão do financiamento de pesquisas em Letras. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 11-22, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/viewFile/2419/1502>.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUBERMAN, Didi. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa nova e Márcia Arbex. Minas Gerais: Ed. da UFMG, 2011.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018. — Também disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>.

SANTOS, Osmar Moreira. Platô de crítica cultural na Bahia: por um roteiro de trabalho científico transgressor. In: *40 anos do GELNE* (livro de referência sobre programas de pós-graduação em Letras no Nordeste). [No prelo], p. 1-21.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 183-264.

Entrevistas:

SÉ, Semírames Coutinho Sento. *Sobre o Movimento Poetas na Praça - BAHIA (1980-1989)*: depoimento. Salvador, 04/04/2017. Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural: UNEB, Campus II (Alagoinhas). Entrevista concedida a Marcelise Lima de Assis.

NUNES, Ametista. *Sobre o Movimento Poetas na Praça - BAHIA (1980-1989)*: depoimento. Salvador, 11/07/2017. Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural: UNEB, Campus II (Alagoinhas). Entrevista concedida a Marcelise Lima de Assis.